

[[[A]]] In f o

ORGÃO DE EXPRESSÃO ANARQUISTA - n° 017 FEVEREIRO 2013

Escravos no Brasil:

**Uma terrível constatação
que condena milhões de
trabalhadorxs a uma
sobrevivência indigna e
brutal!**

página 05



**Digam a todos/as: fechem suas contas no Facebook! Você está colocando
outras pessoas em perigo! Aja contra esse monstro de dados!**

página 03

Os discursos e práticas anarquistas produzidos no final do século XIX e no princípio do século XX revelam uma vasta tentativa de subversão dos costumes vigentes. Os militantes libertários pareciam ser dotados de uma verve inesgotável na crítica ao instituído.

página 07



Luto e Luta

Aos que insistem na ideia de que uma manifestação é perda de tempo, acabamos de ter uma grande resposta e fazemos questão de esfrega-la em suas caras: neste momento, o assassino de Bianca Lara não é mais uma ameaça a sociedade.

página 03



**FEVEREIRO ANTIFASCISTA
2013**

ORGANIZA, LUTA!

A opressão e exploração não param.

Uma cultura de opressão e exploração não acaba de um dia para o outro e nem é destruída por qualquer grupo institucional com a lógica do sistema. Não ocorrerá uma mutação antagonica que fará a ficha cair e todxs deixarão o sistema, levando-o há um colapso.

Esperar isso, sustentando partidos e blocos reformistas é perda de tempo. Se ao menos se mantivessem assim, os transtornos desse reformismo seriam menores. Mas não o bastante retardar o movimento revolucionário, ainda procuram atacar, frear e reduzir as ações daquelxs que não querem esperar os reformismo. É lamentável!

Mostramos que o anarquismo é a fonte mais rápida e segura de romper com todas as estruturas de controle, poder, de opressão e exploração, cabendo a cada um a responsabilidade e compromisso de ação. Sem esse compromisso, não há a reorganização social em molde libertários.

As possibilidades reformistas dão tempo e fôlego para a opressão e exploração em todos os níveis. Com isso, não só a opressão e exploração se fortalecem, mas se multiplicam, se replicam através de suas instituições doutrinárias. A sociedade baseada nesses elementos não consente aos indivíduos livres. Se queremos a liberdade e justiça, isso só através de organizações de rupturas em todas as escalas culturais, sociais, econômicas, sexuais, educacionais etc. Até agora, o anarquismo se mostrou imune aos avanços dos totalitários, dos vanguardistas, dos opressores e exploradores.

Unidxs, paramos o sistema e o destruimos! Tá esperando o que?



O Luto e a Luta

Aos que insistem na ideia de que uma manifestação é perda de tempo, acabamos de ter uma grande resposta e fazemos questão de esfrega-la em suas caras: neste momento, o assassino de Bianca Lara não é mais uma ameaça a sociedade.

Enquanto a PM de Barão Geraldo estava mais preocupada em obrigar manifestantes a apresentar seus documentos para fazer um B.O, o assassino estava indo confessar seu crime.

É fácil atribuir a prisão deste homem as autoridades ou as orações, mas é difícil compreender que os verdadeiros milagres acontecem quando o povo se une fazendo seus opressores perceberem que, mesmo depois de mortas, suas vítimas ainda tem muitas vozes, e elas gritam!

A prisão de Jovano não é mérito do homem que o exhibe como troféu à população com um sorriso de orgulho em seu rosto, tampouco é mérito de policiais que em determinado momento pareciam mais preocupados em impor sua "autoridade" sobre meia dúzia de manifestantes, inclusive menores de idade, ao fim do protesto. Esta prisão é mérito dos que, apesar do luto, não deixaram de lutar, é mérito das amigas e amigos fiéis da Bianca Lara, de seus professores e funcionários de sua escola, de todos os coletivos como a Marcha das Vadias que prontamente se uniram a causa e de todxs aquelxs que pararam o trânsito, ou mesmo não conhecendo Bianca Lara, acreditaram, sensibilizaram-se e uniram-se ao protesto contra o ato monstruoso fruto de uma cultura machista opressora!

Infelizmente não podemos retroceder no tempo e impedir sua morte, mas lutamos e hoje existe um estuprador a menos nas ruas. Infelizmente não pudemos salvar a vida de Bianca, mas quantas vidas ela não salvou com sua presença em nossos gritos?

Um Anarquista

Atenção

Materiais postados são inteiramente de responsabilidade de quem o assina tanto como grupo ou como indivíduo@.
Materiais sem assinatura é de responsabilidade da associação editorial do A-Info.

LICENÇA CREATIVE COMMONS

Você tem a liberdade de:

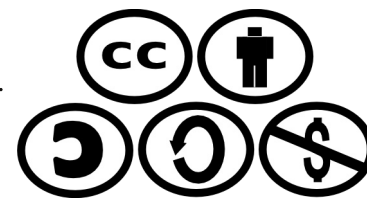
- Compartilhar** — copiar, distribuir e transmitir a obra.
- Remixar** — criar obras derivadas.

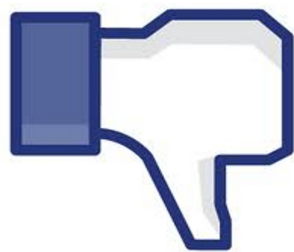
Sob as seguintes condições:

Atribuição — Você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).

Uso não comercial — Você não pode usar esta obra para fins comerciais.

Compartilhamento pela mesma licença — Se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.





Facebooo stta...

Por muitos anos temos provido servidores e infraestrutura de comunicação para a esquerda. Temos feito o nosso melhor para manter servidores seguros e temos resistido por vários meios a requisições a dados de usuário/a feitas por autoridades.

Em resumo: tentamos oferecer uma forma de comunicação libertadora dentro da internet capitalista.

Sempre vimos a internet como um recurso para nossas lutas, e ao mesmo tempo a reconhecemos como um terreno político controverso, e agimos em consonância com isto. Pensávamos que a maior parte da esquerda a enxerga da mesma maneira. Mas uma vez que mais e mais pessoas na esquerda tem "usado" o Facebook (ou o Facebook as tem usado), não temos mais certeza sobre isso. Ao contrário, nosso trabalho político tem sido insuficiente e exaustivo. A comunicação criptografada com servidores autônomos não é tida como libertadora, mas como irritante.

Disneylândia

A penas não havíamos percebido que, depois de toda a tensão nas ruas e todas aquelas longas discussões grupais, muitos ativistas parecem ter o desejo de falar bastante no Facebook sobre tudo e todos. Não havíamos percebido que, mesmo na esquerda, o Facebook é a mais doce das tentações. Que a esquerda, como todo mundo, gosta de seguir a suave correnteza da exploração aonde ela não parece fazer mal nenhum e, mesmo só por uma vez, não precisar resistir. Muitas pessoas sofrem de má consciência. Embora isto possa levá-las a antever as consequências fatais do Facebook, isso não parece ter sido transformado em ação.



É realmente ignorância?

Só para dar um breve resumo do problema; ao usar o Facebook, ativistas não apenas fazem sua própria comunicação, sua opinião, seus "curtir", etc. transparentes e disponíveis para processamento. Ao invés disso -- e consideramos ainda mais importante -- eles/as expõem estruturas e indivíduos que tem pouco ou nada a ver com o Facebook. A capacidade do Facebook de investigar a rede atrás de relações, semelhanças, etc. é difícil de ser entendida por pessoas leigas. O falatório no Facebook reproduz estruturas políticas para autoridades e empresas. Este falatório pode ser pesquisado, organizado e agregado não apenas para obter declarações precisas sobre relações sociais, pessoas-chave, etc, mas também para realizar previsões, das quais se pode deduzir regularidades. Depois dos celulares, o Facebook é a mais sutil, barata e melhor tecnologia de vigilância disponível.

Usuários do Facebook como informantes não-intencionais?

Sempre pensamos que a esquerda queria outra coisa: continuar nossas lutas na internet e usá-la para nossas lutas políticas. É disso que se trata para nós -- mesmo hoje. É por isso que vemos usuários/as de Facebook como um perigo real para nossas lutas. Em particular, ativistas que publicam informações importantes no Facebook (muitas vezes não sabendo o que estão fazendo), que são cada vez mais utilizadas por órgãos de segurança pública. Poderíamos quase ir tão longe ao ponto de acusar esses/as ativistas de colaboracionismo, mas ainda não chegamos a este ponto. Ainda temos esperança que as pessoas percebam que o Facebook é um inimigo político e que aqueles/as que o usam fazem-no mais e mais poderoso. Usuários/as ativistas do Facebook alimentam a máquina, e assim revelam nossas estruturas -- sem qualquer necessidade, sem qualquer mandado judicial, sem qualquer pressão.

Nosso Ponto de Vista

Estamos cientes que falamos "de cima". Para nós, que trabalhamos por anos -- e muitas vezes ganhamos a vida -- com a rede e com computadores, administração de sistemas, programação, criptografia e muito mais, o Facebook surge quase como um inimigo natural. E desde que também nos consideramos como parte da esquerda, isto soma-se com a análise da economia política do Facebook, onde "usuários/as" são transformados em produto a ser vendido e tornam-se consumidores ao mesmo. O jargão para isso é "geração de

demanda".

Percebemos que não é todo mundo que lida com a internet de forma tão entusiasmática como nós. Mas que ativistas permitam que este Cavalo de Tróia chamado Facebook seja parte das suas vidas cotidianas, é um sinal e ignorância num nível crítico.

Digam a todos/as: fechem suas contas no Facebook! Você está colocando outras pessoas em perigo! Aja contra esse monstro de dados!

Lute contra o capitalismo! Também -- e especialmente -- na internet! Contra a exploração e a opressão! Também -- e especialmente -- na internet!

Encha o saco de seus/suas camaradas. Mostre-lhes que ao alimentar o Facebook eles/as estão escolhendo o lado errado!

Replicado do CMI - Centro de Midia Independente

Email::
contato@midiaindependent
e.org

URL::
<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2012/11/514157.shtml>



Escravo Moderno



Ainda sobre o compromisso ...

Chegamos em 2013 e muito distante está qualquer esboço sério de ruptura com o sistema de exploração e opressão atual. A quem devemos atribuir tal situação? E como muda-la?

Primeiro seria muito fácil atribuir todos os males do mundo a terceirxs, aos grandes e abstratos gangsteres do império do capitalismo, aos grandes estados sanguessugas, as instituições religiosas que “cordeirizam” as revoltas individuais e coletivas. Tudo isso tem sua grande parcela de culpa nesse processo de manutenção do sistema. Mas existe uma coisa podemos fazer e isso causa uma diferença enorme: é a não adesão ao modelo!

A maioria das pessoas (que é uma minoria convenhamos, ou já teríamos uma revolta popular incontornável!) que se dizem “revolucionárixs” (ao menos externam uma rebeldia sem sentido que pode ser captada, cooptada ou coagida por qualquer grupo ou segmento que saiba usar tais bonecos falantes rebeldes) não entendem porque se rebelam, tentam meios que a história mostra serem paliativos e que no fim só favorecem a um reformismo moroso e evolutivo, sentenciando gerações e gerações a escravidão direta ou mal disfarçada.

Pois sendo objetivo, a questão é muito simples, estamos fazendo a manutenção do sistema sem ao menos abalar seus alicerces. Mensalmente nos submetemos com nossa “rebeldia” ao controle social sem pestanejar em busca de “sobreviver” e não nos preparamos para a luta. Não adianta só escrever, só pichar um muro, só customizar um visual, sair a noite em esquadrões antifa, não adianta fazer manifestações de rua ou ocupar casas se não estiver junto à isso um compromisso e esse organizado em conjunto bem sintonizado de grupos e coletivos dos mais diversos conhecimentos e experiências, sem ter uma consciência das consequências e estar apto a se colocar disposição da revolução quando ela, que na verdade você assuma que tem que faz-la e não esperar que algum “iluminado” diga a direção.

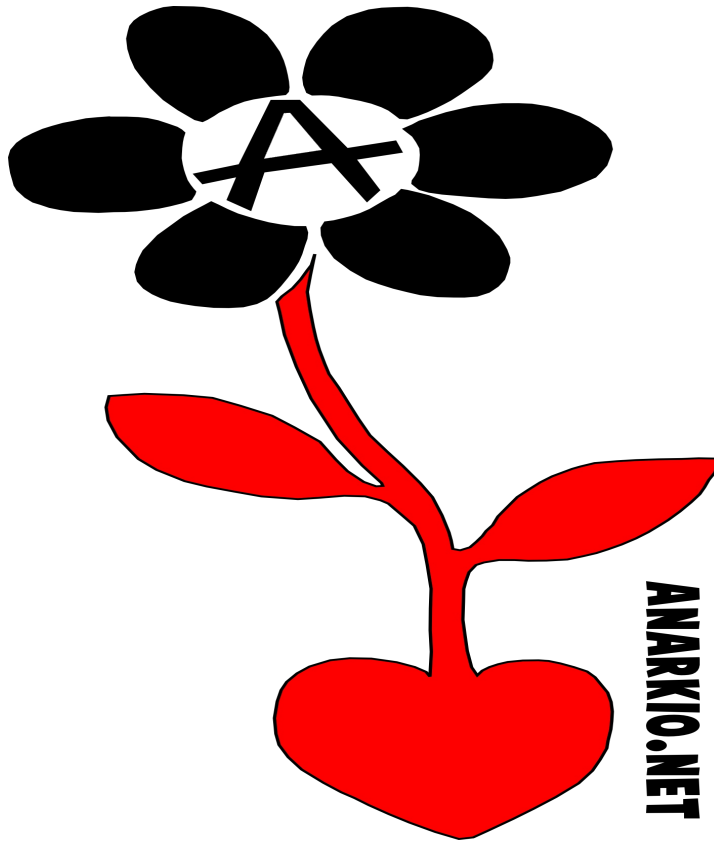
A revolução é o resultado do compromisso em não aceitar mais as condições de exploração e opressão que nos submetem. Cada um tem o estopim disso dentro de si, mas querem acendê-lo com coisas que não são inflamáveis como partidos, religiões ou até com esportes, que

poco inflamam para logo depois se apagarem em meio as estruturas reformistas.

Um combustível altamente inflamável é o anarquismo, pois não é contido por ninguém e funciona cada vez melhor com mais e mais pessoas. É incontornável mas organizável e esse compromisso de organização é necessário que cada um o tenha para que aja iniciativa. Ser anarquista sem iniciativa, é algo tão contraditório como com anarcocapitalismo: são duas coisas que não existem. Se é anarquista é contra o capital e logo não pode ter como referência o meio explorador e opressor que é o capitalismo. Se se diz anarquista e não faz nada, me desculpe, tu não passa de umx folgadix parasita que se esconde atrás do anarquismo porque acha que pode ficar folgando enquanto que xs outrxs trabalham e lutam.

Disso tudo resumo que é necessário iniciativa e compromisso, sem eles, acordaremos todos os dia para manter sistema funcionando como estamos fazendo.

Organizadxs, lutamos!



Anarquismo contra a opressão machista

O machismo/patriarcalismo sempre foi um sintoma de uma sociedade marcada pela opressão e exploração. Dado pela relação de força e hierarquizada, é o primeiro contado que milhões de crianças tem como o modelo social desigual que temos.

Não só temos que lutar contra, mas nos reavaliarmos sobre esse aspecto porque muitxs tiveram contato com essa violência e há quem o considere algo “natural”, mas não é. Mulheres e homens são iguais, podem fazer tudo sem exceções. Não podemos aceitar a divisão sexual/gênero do trabalho que diz que há coisas para homens e mulheres.

Nenhumx libertárix deve ser submissx ou submeter outro ser, seja qual for sua opção sexual ou gênero. Se isso ocorre em espaços

livres, libertários ou autônomos, é algo há ser combatido por todxs xs anarquistas.

A união contra todas as opressões e explorações deve ser feita e não uma divisão das lutas como é comum vermos nas estruturas

verticalizadas da esquerda institucional.

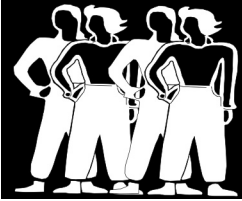
O anarquismo tem como proposta base uma sociedade ampla, justa e igualitária, não só de mulheres, não só de homens, não só de crianças, não só de animais, não só de certas etnias, não só de gente rica, não só de gente pobre, mas por todxs, de forma abolir as opressões e exploração e destruindo todas as divisões, heranças de milhares de anos de desigualdade.

Cada umx precisa se unir de forma a ampliar a luta e luta é combate direto com as violências que se escondem atrás de tabus, de regras, de leis, de convenções feitas para o controle e manutenção de uma intolerância e desigualdade barbara.

Anarquistas, levantemo-nos contra todas opressões e explorações.

Nem oprimidix, nem opressor = todxs iguais em direitos e deveres!





TRABALHO ESCRAVO NO BRASIL

A ocupação forçada da “América” pelos europeus se fez baseada na escravidão e genocídio dos nativos. Não bastasse essa agressão preliminar, por um período de quase trezentos anos se forçou a vinda de milhões de africanos para a América também em regime de trabalho forçado. Esse doentio “direito” das elites brancas europeias adquiridas por sua condição de aristocratas ou burgueses, apoiados por uma malta de religiosos canalhas e inescrupulosos criou na América uma sociedade totalmente excludente e escravocrata, possivelmente sem precedentes na história da humanidade. Embora de todas as formas os escravos (paleoameríndios e africanos) tenham procurado resistir, a luta se mostrou sempre desigual, tendo o escravocrata logrado êxito na manutenção de sua ordem exploradora – regime servil -, forjando e impondo ao longo dos anos uma sociedade totalmente desigual. De um lado os ricos latifundiários que tinham acesso a todas as benesses de seu tempo, no outro extremo os escravos tolhidos de qualquer direito. Entre as duas classes temos milhões de brancos pobres e mestiços miseráveis que serviram para alimentar os exércitos dos brancos escravocratas, os seminários religiosos, e produzir os alimentos necessários a nutrição do conjunto da sociedade. Foi quase que regra na América a adoção das Plantations na agricultura, utilizando-se exclusivamente mão de obra servil, extensivo o modelo a mineração no Brasil e América Espanhola. Nesse mundo de exploradores e escravos, os que eram livres sobreviviam como posseiros, coletores ou meeiros e estavam em geral envolvidos no cultivo da

alimentação básica para si e para os latifundiários.

O Brasil nesse triste cenário ocupou lugar de destaque, sendo um dos últimos a aceitar o fim do regime escravista. Quando da abolição, 1888, essa feita de forma parcial e incompleta, os milhares de cativos, pura e simplesmente foram expulsos das fazendas passando a engrossar os cinturões de miséria das incipientes cidades e vilas brasileiras. Com a chamada abertura dos portos em 1808 intensificasse a vinda de pobres e miseráveis para o Brasil, os quais fogem das varias guerras europeias, da perseguição religiosa, política e em busca de uma oportunidade de romper com seu passado de necessidades. Na seqüência da alteração de nossa condição política de Colônia para Império, começam a se possibilitar a formação de minifúndios os quais passam a ser ocupados e cultivados em sua quase totalidade por brancos pobres que imigram em geral acompanhados de seus familiares. Nesse particular se observa que ao cativo além de ter negada a sua liberdade a ele se impede o acesso a terra, por menor que seja a parcela. Notadamente nas fazendas de café da Região Sudeste do Brasil, gradativamente o braço escravo vai sendo também substituído por brancos pobres, geralmente estrangeiros, que são submetidos, a um nefasto sistema de parcerias. Embora denominado de regime de assalariamento, a regra foi de que estas mulheres, homens e crianças dificilmente viram chegar as suas mãos valores em dinheiro. A importação de mão-de-obra branca também teve uma lógica macabra, pois para cá migraram milhares de indivíduos que não encontraram nenhum tipo de ocupação e de oportunidade no Brasil. Os cortiços em cidades como Santos, São

Paulo e Rio de Janeiro eram majoritariamente ocupados por imigrados. Cidades como Porto Alegre e Curitiba também viram surgir ao redor de seus centros formados no período colonial Vilas constituídas de miseráveis que rapidamente passam a ser explorados na incipiente indústria que vinha se espalhando desde o segundo reinado.

Os ex-escravos, sem escola, sem trabalho fixo, sem direitos de cidadania, pois não podiam sequer votar, pois eram mantidos no analfabetismo, acabou por formar uma camada social totalmente a margem, servindo unicamente como reserva de mão-de-obra e vivendo em precárias condições nos cinturões de miséria que passam a estar dispostos ao redor de todas as grandes cidades brasileiras. A eles se somam os milhões de brasileiros livres, porém pobres, destituídos de qualquer posse e sequer do elementar acesso a educação. Não bastasse isso, como já citamos anteriormente, milhões de pobres vêm, sobretudo da Europa “tentar a sorte” num país que sequer ainda tinha deixado o sistema servil de lado. As elites obviamente tinham tudo planejado com vistas a “libertar” os cativos, mas com isso se organizavam com o fito de terem braços excedentes tanto para a lavoura quanto para a indústria que se formava.

O resultado não poderia ser outro, uma

sociedade totalmente estratificada, com uma elite no topo, detentora de todos os privilégios e milhões de miseráveis na base que para sobreviver tinham e ainda tem que se sujeitarem as mais brutais formas de exploração. A resistência anti-escravidão presente desde o período colonial toma corpo no segundo Império quando já próximo do Século XX, logra êxito. Embora nominal a libertação dos escravos e conquistada nos locais mais populosos do Brasil, nas regiões distantes e nos vilarejos do interior do país ela conseguiu se manter disfarçada até nossos dias (2013). Os jornais comerciais e partidários, mesmo os do reacionário Partido Republicano detentor absoluto do poder a partir de 1889, denunciavam rotineiramente a presença de mão-de-obra em regime escravista no “interland” brasileiro. Custodiados por jagunços – pistoleiros - e mantidos em condições piores que os escravos das fazendas de café milhares de trabalhadores eram – e ainda são - explorados, em fazendas de gado, no plantio e colheita da cana-de-açúcar, na extração do látex e mesmo na construção de inúmeras ferrovias durante o período denominado Primeira República.

A construção da Ferrovia São Paulo ao Rio Grande do Sul junto com a Noroeste do Brasil, só para citarmos um exemplo, nos primeiros anos do Século XX, tinha como regra os maus tratos aos trabalhadores, a falta constante de pagamento, a exploração no fornecimento dos alimentos obrigando o trabalhador a comprar sempre do Patrão ou de seus prepostos e com isso ficando sempre em débito com o armazém. Lembrando também que a jornada de trabalho tinha horário para iniciar e nunca para terminar. A regra era de estrela a estrela, e com qualquer tempo. Não raro levam de trabalhadores eram assassinados por se revoltarem ou tentarem deixar os canteiros de obras. Os que ficavam enfermos era regra conduzi-los a locais ermos e deixá-los ao abandono até que a morte os acolhesse.

Na sucessão de “Estados de Sitio” que o Brasil passa a viver com o advento da Republica Velha e na seqüência por duas ditaduras ostensivas – Estado Novo e Redentora - o tema escravidão torna-se tabu e crime de lesa pátria. Quem se atrevesse somente a comentar o tema, estava sujeito aos rigores da lei e condenado inclusive a desaparecer. Nas Escolas Públicas e particulares constava nos currículos de Historia, Estudos Sociais, Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil que a “mancha da escravidão” havia sido solvida em 13 de maio de 1888, não existindo mais esse nefasto instituto no Brasil, sendo, portanto, todos livres.

Discordar desse discurso ufanista, reacionário e nazifascista era não amar o Brasil, coisa de subversivo e bom que se calasse para o bem de nosso desenvolvimento. O assunto timidamente volta a ser comentado com o processo de abertura lenta e gradual verificado nos anos 80 do Século XX. A pressão internacional embora incipiente determinasse que algumas ações governamentais tivessem curso, obviamente insuficientes e insubsistentes, a nosso ver particular totalmente de fachada. Mesmo assim os números oficiais, que não condizem efetivamente com a realidade, são preocupantes. Milhares de brasileiros são explorados no meio rural na condição precisa de

trabalho escravo. Em Centros Urbanos como São Paulo se verifica ainda o emprego de mão-de-obra escrava com a exploração de milhares de estrangeiros em situação supostamente irregular visto terem entrado no país sem observar as leis de imigração vigentes no Brasil.

Esse problema se deve ao fato de que em seus países de origem, sobretudo no caso dos bolivianos, a situação em sua “pátria” de origem ser muito pior. As ações de resgate no meio rural, retirada dos explorados dos locais de trabalho escravo tem se mostrado inócuas. Não raro os trabalhadores premidos pela necessidade, pela absoluta falta de trabalho em seus locais de origem e pelo fato de não terem acesso sequer as séries iniciais do estudo formal procuram novamente os “gatos” – agenciadores de mão-de-obra – e voltam para fazendas localizadas em lugares remotos onde trabalham em troca de um prato de comida. Outro agravante é que a punição a esse tipo de crime e totalmente frágil, não há registro de cumprimento de pena de parte dos aliciadores de mão-de-obra escrava – gatos – nem dos escravocratas titulados de proprietários de fazendas ou prósperos e eminentes industriais.

O fardo da escravidão para o Brasil é notório. Na maioria dos centros urbanos ainda temos milhões de favelados, totalmente excluídos dos princípios básicos da cidadania propostos e defendidos pelo Estado Liberal Burguês, autodenominado de “bem estar social”. Fiquemos somente no exemplo que segue: Temos mais de sete milhões de empregados domésticos no Brasil (conforme PNAD 2009). Cinco milhões ou mais sem Carteira de Trabalho assinada, portanto, sem direitos sociais como salário mínimo, férias entre outros. A grande maioria com baixa escolaridade, quando não totalmente analfabetos.

A Constituição Federal ainda os discrimina dos outros trabalhadores, pois não tem jornada de trabalho definida em lei entre outros direitos. Para encerrar a maioria é constituída de mulheres, as quais em larga maioria descendentes de escravos. “Mesmo com o “título” de profissão com o maior número de mulheres no Brasil, ocupada por mais de 8 milhões de pessoas, as trabalhadoras domésticas do País possuem apenas 9 dos 34 direitos assegurados às demais categorias profissionais.” Em 2011 o Governo de plantão do Brasil foi um dos signatários da Convenção 189 da OIT, porém as

alterações constitucionais e infra-constitucionais não foram ainda feitas, caindo tudo na vala recorrente da demagogia. Resta observar que esse problema não é exclusividade do Brasil, visto que milhões de pessoas estão sujeitas em todo mundo, inclusive na Europa, caso majoritário dos imigrantes, a trabalhos penosos, insalubres e perigosos, sem direitos sociais, portanto, na condição de escravos. Cumpra a nós manter a luta contra a escravidão, independente da máscara que se utilize para maquiá-la ou tentar escondê-la. Denunciar a escravidão também é papel de todos os que lutam contra o capital e a exploração buscando engajar o conjunto dos trabalhadores nessa jornada que não tem trincheira nem descanso. Nossa organização independente, sem partidos, sem patrões, sem igrejas, sem Estado, é que possibilitara a efetivação da necessidade de acabar com a exploração.

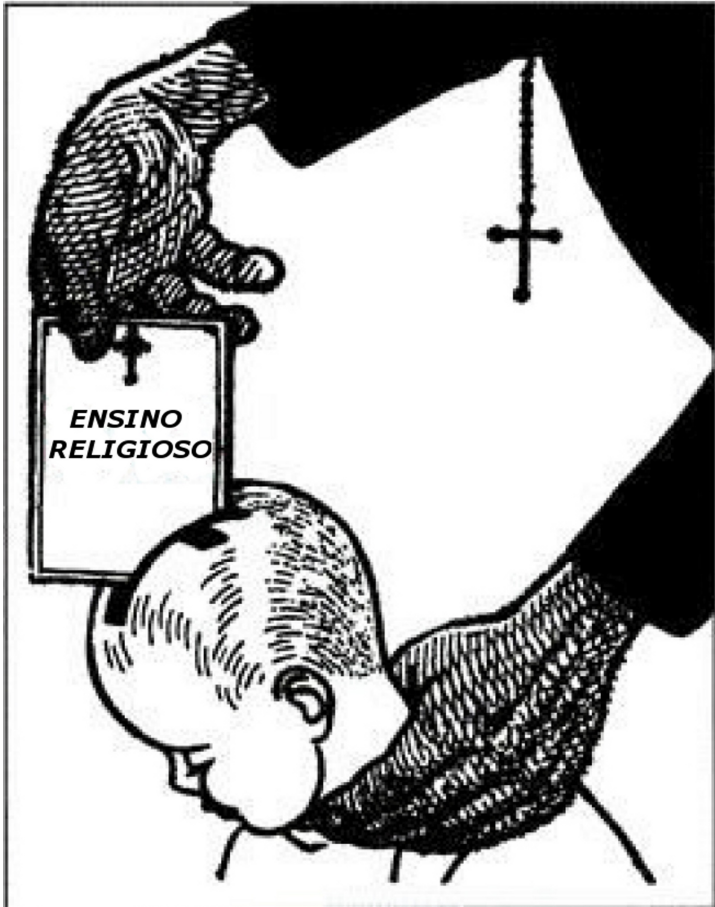
Caxias do Sul, 01 de janeiro de 2013.

Pietro Anarchista

((A))



ANTICLERICAL & CIA



Anticlericalismo

Os discursos e práticas anarquistas produzidos no final do século XIX e no princípio do século XX revelam uma vasta tentativa de subversão dos costumes vigentes. Os militantes libertários pareciam ser dotados de uma verve inesgotável na crítica ao instituído. Entre as mais significativas oposições destacava-se um manifesto anticlericalismo e a defesa de uma extensa secularização da vida. Os libertários, mais do que qualquer outra corrente do Movimento Operário, odiaram a Igreja Católica. "A importância do anticlericalismo para a doutrina e propaganda anarquista era muito grande e conjugava tanto a defesa que faziam do livre pensamento dos homens, quanto com sua crença no progresso social orientado pela ciência e pela experiência."(2)

Os libertários eram incansáveis nas denúncias de que o Estado traz privilégios e miséria e a Igreja, sua íntima aliada, viola as consciências. Sempre tentavam mostrar que a vida miserável dos trabalhadores não era decorrente de uma vontade divina, e sim da união existente entre os capitalistas e seus aliados, a Igreja e o Estado. Para Bakunin: "A abolição da Igreja e do Estado deve ser a primeira e indispensável condição para a verdadeira libertação da sociedade; só depois que isso acontecer é que a sociedade poderá ser organizada de outra maneira."(3)

Em suma, os considerados três grandes inimigos – Estado, Capital e Religião – eram atacados com ferocidade. Os autores libertários esgrimiam ferozes críticas denunciando que a articulação entre eles assegurava a continuidade da exploração. Como afirmou

Sébastien Faure, um noviço jesuíta que se transformou em anticlerical e pacifista, na Enciclopédia Anarquista: "A Autoridade assume três formas principais que geram três tipos de coação: 1º a forma política: o Estado; 2º a forma econômica: o Capital; 3º a forma moral: a Religião."(4)

O Estado é acusado de não promover a segurança de todos, pelo contrário, ele apenas garante a segurança dos proprietários ante à ameaça de expropriação das camadas despossuídas. Para Bakunin: "...Estado quer dizer dominação, e toda dominação supõe a subjugação das massas e conseqüentemente sua exploração em proveito de uma minoria governamental qualquer."(5)

O Capital usurpa o produto do trabalho coletivo. Essa apropriação é feita através de determinadas relações de força entre os capitalistas e as massas trabalhadoras. O antagonismo presente nessas relações foi explicitado no provocativo mote de Proudhon: "A propriedade é um roubo!".

A Religião era considerada um elemento de sustentação da propriedade privada e das relações sociais de dominação. Dessa forma, todas as religiões, exceto aquelas menos elaboradas, eram associadas aos dominadores. A ideologia dominante procura defender uma visão harmônica da sociedade e a aceitação de cada um do lugar destinado na estrutura social. Ao procurar incutir nos explorados a aceitação do seu destino miserável como um desejo de Deus, a religião corrompe a consciência social e ocasiona um conformismo letárgico, tornando-se aliada dos demais inimigos dos trabalhadores.(6)

A Igreja Católica era acusada de ser igual às outras instituições centralizadas, autoritárias e burocráticas. Para os padres, a vida cristã é uma totalidade, da qual nenhum espaço ou comportamento pode escapar das regras por eles ditadas. O cuidado da Igreja em demarcar a vida das pessoas através dos sacramentos era ridicularizado pelos libertários: A religião, nomeadamente a católica, é um amontoado de fantasmagóricas que trazem o homem preso do berço ao túmulo, ao nascer, já que entra no molho da água benta, ao correr da vida os jejuns, as macerações, as confissões e o casamento. Na morte a encomendação, as missas, etc...(7)

Entre o último quartel do século XIX e o início da Primeira Guerra, embora as religiões não apresentassem em escala mundial um aparente decréscimo, foi evidente que nos países ocidentais centrais, talvez com exceção dos Estados Unidos, ocorreu um recuo sem precedentes das religiões tradicionais.(8) O processo de descristianização e laicização da sociedade ocorreu, com graus de radicalidade, em todos os países de população católica. O

progresso, o avanço da ciência e da razão, assim como o crescimento da secularização promoveram uma perda no status da Igreja. As lutas emancipatórias promovidas pelos setores oprimidos e mesmo interesses estratégicos de políticos liberais fizeram com que ocorresse uma acentuada descristianização e uma laicização cada vez mais militante. Como afirmou Hobsbawm: "O anticlericalismo se tornou um problema central da política dos países católicos por duas razões principais: porque a Igreja Católica Romana optara por uma rejeição total da ideologia da razão e do progresso, só podendo, portanto, ser identificada à direita política, e porque a luta contra a superstição e o obscurantismo, mais que dividir capitalistas e proletários, uniu a burguesia liberal e a classe trabalhador".(9)

A palavra anticlerical é de origem francesa, aparecendo pela primeira vez por volta da década de 1850. O anticlericalismo foi incorporado ao programa dos agrupamentos de esquerda e de centro naquele país. Em pouco tempo, espalhou-se por toda a Europa e chegou na América.(10)

O COMBATE AOS PADRES

A Expressão anarquista anticlerical:

a) luta contra os padres, para mostrar as contradições de suas vidas com as doutrinas que professam; o sacerdócio como profissão, tendo o interesse material como base;

b) luta contra a influência política da Igreja pela ação direta e pela propaganda extraparlamentar;

c) denúncia do poder econômico da Igreja, da Igreja como empresa, como auxiliar de exploração capitalista, como fator do crumirismo.

Esse é o anticlericalismo dos anarquistas.(11)

Neno Vasco (12)

A maior influência dos anarquistas se deu nos países latinos, onde a presença do catolicismo era mais forte. O choque entre duas concepções tão antagônicas foi inevitável. O radicalismo dos discursos anticlericais cresceu conforme foi aumentando o tom irado dos padres. Toda ocasião era aproveitada para repudiar o cristianismo e o membros do clero. Bakunin, no artigo "O Estado: alienação e natureza", assim como em outras ocasiões, destacou a necessidade de se combater a Igreja Católica: Todos os Estados onde os povos ainda podem respirar, são, do ponto de vista ideal do Estado, incompletos, como são todas as Igrejas em comparação com a Igreja Católica!"

Ante a ameaça do inferno pregada pelos padres a todos aqueles que se desviassem do reto caminho de Cristo, os anarquistas apontavam que entre a vida levada pelas exploradas classes trabalhadoras e o local da pena bíblica a diferença era, talvez, apenas de grau.

O clero era sempre atacado com ferocidade. "O Clero Católico é uma vasta associação religiosa-política-social, cujos fins se afastam da civilização contemporânea, cujos membros, pela característica de seus modos de vida, afastando-se da realidade da vida, constituem uma constante ameaça ao progresso e à civilização, à moral e aos bons costumes."

Ou ainda: "Os clérigos, esses instrumentos cegos dos ricos, esses parasitas que somente servem para embrutecer ao povo, conservando-o no maior obscurantismo, dizem a seus ouvintes:

Filhos! Trabalhai, sofrei, respeitai aos nossos patrões, aos poderosos, porque quanto mais sofreis na terra tanto mais gozarás no céu!

Os papas, como chefes máximos da Igreja, eram acusados de serem a cabeça da serpente:"A Igreja é um réptil que dá a volta ao mundo, / e em cujas espirais ébrias de raiva insana/ um laconte imortal a consciência humana,/ há séculos se estorce em convulsão atroz/ Os elos desse monstro implacável sois vós, sacristas/ A cabeça é o papal Ora as



serpentes/ têm a força na cauda e o veneno nos dentes!"

A Bíblia era considerada "literatura de dominadores, destinada a celebrar os tiranos e suas leis e a ensinar o povo a resignação e a obediência; a Bíblia expõe o mecanismo da escravidão em termos claros, quase cândidos à luz da hipocrisia democrática moderna!"

A Igreja era acusada de manter o celibato clerical como um valor importante, embora não fosse sempre cumprido pelos seus membros. A castidade era apontada como uma violação das leis biológicas, contribuindo para a perpetração de hediondos crimes. A denúncia das violações das normas sexuais de abstinência e de comportamentos considerados imorais por parte do clero foi uma característica marcante do discurso anticlerical. Para os anarquistas, muitos padres e freiras relativizavam as prescrições de Roma sobre a matéria de moral sexual. No púlpito e nas suas conservas com os fiéis até eram capazes de pregar as recomendações da Igreja. Porém, essa misogamia não era cumprida. Na iconografia libertária, os padres e freiras eram frequentemente representados através de imagens de homens e mulheres obesos, aparentemente bêbados e com olhares concupiscentes.

Na temática anticlerical, um outro aspecto importante era a luta a favor da razão, da ciência e do conhecimento e contra o "obscurantismo medieval da Igreja. Os padres eram acusados de temerem o avanço da ciência, pois isso dificultaria a retórica da superstição

impingida por eles. Nos artigos publicados na imprensa anticlerical, era comum a presença de biografias de cientistas, destacando-se as perseguições promovidas pela Inquisição.

Apesar de um tom muitas vezes profético e irado, é inegável que a sátira e o sarcasmo ferino também eram componentes importantes no discurso libertário. Os antigos anarquistas – e isso deveria servir de exemplo para os atuais – protestariam e gozariam desbragadamente da visita do papa João Paulo fie talvez até fizessem caricaturas mostrando que a Madre Tereza de Calcutá foi amante do Frei Damião. Os católicos ficariam escandalizados, para o deleite dos anticlericais libertários. A luta dos antigos hereges e excomungados ainda merece ser lembrada.

Eduardo Valladares



Grupos | Coletivos | Associações | Iniciativas Anarquistas e Afins

Divulgaremos grupos, coletivos, iniciativas, experiências e afins que tenham relevância no movimento anarquista, independente a qual vertente anarquista estejam alinhados.



O que é o VN?

O Vermelho e Negro (VN) é um grupo anarquista organizado, de orientação socialista e revolucionária que atua e propõem sua linha política por dentro das organizações e espaços da luta popular. Fundado em 2005, sendo parte do esforço de construção de uma organização política anarquista no Brasil, a partir do Fórum do Anarquismo Organizado (FAO).

Contatos:

vermelhoenegro@h
otmail.com
secretariavn@hotm
ail.com

Cx. Postal 280
Cep.: 44001-970

Feira de Santana -
Bahia

Sede:

Rua Cesar Martins
da Silva
Nº 34-A, Centro.



Confederação Nacional dos Trabalhadores (Espanha)

Fundada em 1910, em Barcelona, a partir da união de sociedade de trabalhadores não vinculadas à social-democracia ou ao marxismo, a CNT se mantém fiel aos princípios anarcossindicalistas, e é a única que mantém o espírito da Primeira Internacional no solo espanhol.

A CNT é, hoje em dia, o único sindicato independente das diretrizes políticas do Estado espanhol; em que decide são os trabalhadores associados e não um comitê de sindicalistas profissionais; que não há subvenção do Estado e nenhuma forma de financiamento ou colaboração com a Patronal ou Estado para manter sua independência econômica; e que não deixa as negociações em mãos de intermediários (sindicalismo de "advogados").

A Base da filosofia da CNT: Anarquismo

Todas essas idéias assembleárias são inspiradas nos ideais anarquistas. O anarquismo é uma filosofia política que afirma que a sociedade pode organizar-se sem poder, sem coação e sem violência. Negamos que necessitemos de especialistas políticos capacitados para decidir em nome de outras pessoas. Cada indivíduo é soberano para decidir sobre aquilo que o afeta. Estas idéias estão sendo adotadas por múltiplos grupos que estão fartos das organizações clássicas baseadas em princípio de hierarquia. As ideias alternativas de autogestão, participação, descentralização... são idéias anarquistas. Existe uma ideia negativa, errônea, de que a anarquia como sinônimo de caos e violência. Nos consideramos a anarquia como sinônimo de ordem não imposta, liberdade e ausência de coação.

Queremos a transformação radical da sociedade, a supressão do trabalho assalariado, a revolução social. Nossa finalidade é o comunismo libertário, um sistema socio-econômico que traga a liberdade e a igualdade como seus valores fundamentais. E pensamos que pensamos que para conseguir nossos fins devemos utilizar os meios mais coerentes com eles. Nem tudo vale. O fim nunca justifica os meios. Se queremos uma sociedade livre, igualitária e fraternal, nossa organização e nossa ação deve se livre, igualitária e fraternal.

Mas também pensamos que cada agressão estatal ou patronal deve ter um reposta. Não podemos dar a outra face nem nos resignamos com a injustiça. Este princípio de autodefesa implica a confrontação com os patrões e instituições. Por tudo isso a CNT é anarcossindicalista.

De influência do sindicalismo revolucionário que propõe a emancipação dos trabalhadoras por si mesmos e a abolição da sociedade de classes, e o anarquismo, com suas ideias de organização não hierárquica nem autoritária, de coerência de fins e meios, de instaurar o comunismo libertário etc, surge o anarcossindicalismo



A Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.) tem os seguintes objetivos:

a) Organizar e apoiar a luta revolucionária em todos os países, com o fim de destruir definitivamente os regimes políticos e econômicos atuais e estabelecer o Comunismo Libertário.

b) Dar às organizações econômicas sindicais uma base nacional e industrial; onde isto já se verifique, fortalecer as que estejam decididas a lutar pela destruição do capitalismo e do Estado.

c) Impedir a infiltração de todo e qualquer partido político nas organizações econômicas sindicais e combater resolutamente qualquer propósito de dominação dos sindicatos pelos partidos políticos.

d) Estabelecer, quando as circunstâncias o exigirem sobre um programa concreto que não contradiga as alíneas a), b) e c) precedentes, alianças provisórias com outras organizações proletárias, sindicais e revolucionárias, com o fim de definir e levar a cabo ações internacionais comuns no interesse da classe operária; essas alianças não devem nunca ser estabelecidas com partidos políticos, ou seja, com organizações que aceitam o Estado como sistema de organização social. O sindicalismo revolucionário recusa a colaboração de classe caracterizada pela participação em comitês organizados sob esquemas organizativos estatais (por exemplo, a participação em comitês de empresa); recusa igualmente a aceitação de subvenções, a existência de profissionais do sindicalismo e restantes práticas que possam desvirtuar o anarco-sindicalismo.

e) Desmascarar e combater a violência arbitrária de todos os governos contra os revolucionários afetados à causa da Revolução Social.

f) Examinar todos os problemas respeitantes ao proletariado mundial, para fortalecer e desenvolver, num país ou em vários, os movimentos que vão no sentido da defesa dos direitos da classe operária ou de novas conquistas para esta classe, ou da organização da própria revolução emancipadora.

g) Organizar o apoio-mútuo no caso de grandes lutas econômicas ou de lutas duras contra os inimigos, declarados ou encobertos, da classe operária.

h) Ajudar, moral e materialmente, os movimentos da classe operária que sejam dirigidos, em cada país, pela organização econômica nacional do proletariado.



Kio estas anarkio?

Jen kion skribis Ledon en la enkonduko de libro kiun li eldonis en 1990 : "La Evangelio de la Horo" de Paul Berthelot.

Etimologie AN-ARKIO signifas "sen regado" ... aŭ por la aŭtentaj anarkistoj : mem-regado. Ĉar la homoj ne scias mem sin regi kaj nepre bezonas esti regataj de dioj, reĝoj, registaroj ktp. en ŝtatoj kun leĝoj ks, la origina signifo rapide transiris al la mala ideo. Nun la vorton anarkio la stretmensaj homoj uzas por esprimi malordon, por indiki ĥaosan situacion en la socio.

Verdire kio alportas la ĥaoson en nia socio ĝuste estas la regado, kun inter aliaj institucioj kreitaj de la homoj, la ŝtato, la levjatano kara al Thomas Hobbes. Cetere la difino, same kiel la mekanismoj en reala aplikado, de la monstro-ŝtato estas tutsimple terura socia aberacio : "Politika formo de organizita socio en limdifinita teritorio kies registaro havas super la tiea loĝantaro regantan, leĝodonan, jurisdikcian kaj administracian povon", kaj plie : "Tuto de la trud- kaj punfortoj kaj soci-organoj, kiuj certigas al la ekonomike superanta klaso, regadon super la aliaj" ... kaj por pli ol 90% el la homoj, tiu monstraĵo evitas la malordon, la anarkion ! Nekredeble, sed vere.

Ni scias, la homo ne havas aparte "bonajn" kvalitojn. Li posedas almenaŭ sep gravegajn pekojn : li estas avida, glutema, ĝuema, mallaborema, spekulema, falsema, orgojla, avara ktp... do, diras ĉiuj, devas ekzisti bremsilo de la mankoj por eviti la malordon ! Sed ĉu la

leĝoj kaj aliaj dispozicioj de la socio efektive mildigas tiujn mankojn ? Evidente ne. En la ŝtato nur aperas la korupto, la ekspluatado, la malegaleco, la favorismo, la sinekuroj, kaj ĉiuj formoj de subpremo al la individuo laŭ la difino de l' ŝtato. La institucio, la ŝtato, fariĝis absoluta sklaviko, kie la kompatinda homo iĝis senpersonigita instrumento. En anarkia pensado la homo konscias pri tio, tial la anarkiisto kondamnas la ŝtaton, kaj tiujn similajn sklavigajn instituciojn.

Pro sia propra egoismo ankaŭ la aliaj homoj perceptas la subpremon de la ŝtato ... kaj ili reagis postulante "siajn rajtojn" ... ĉar nur la ŝtato kaj ties sistemoj nuligas la rajtojn. Evidente, kiuj postulas siajn homajn rajtojn, neniam pensis pri la plenumado de siaj homaj devoj - pro la cititaj pekoj. En la realo, la homo sin lasis involvi en alia grava mito : la kolektiveco. En tiu mito la homo pensas ke la kolektiva iniciatado, kiu cetere tute ne ekzistas, kapablas solvi la problemojn de la individuo. Kaj, en la mito, la sistemoj induktis ĉe la individuo la falsan ideologion kiu diras, ke la kolektivo estas pli grava ol la individuo. ĉi tie la homoj tutsimple forgesas, ke la kolektivo konsistas el individuoj. En anarkio la konsciaj homoj reagis al la mito, kiu estas la kolektiveco.

En la lastaj jardekoj sub ŝtata regado la homaro vivis en du gravaj apartaj sistemoj, kiuj tute ne alportis la homan harmonion iel deziratan de kelkaj homoj. Temas pri kapitalismo kaj pri komunismo. Kapitalismo ja celis konservi la individuan iniciatadon, sed pri spekulado ĝi forgesis, ke la mono estas simpla interŝanĝilo kaj transformis ĝin, la kapitalon, en negoceblan varon, tiel ke terura ekspluatado establiĝis anstataŭante la feŭdan staton de servuteco. En anarkio, ĉiu homo devas posedi sian laborkapitalon. En komunismo, kiu cetere estas nenio plia ol ŝtatkapitalismo, ĉio apartenas al la kolektivo, al la ŝtato ... La bankroto, tamen, konfesiĝis en tiuj lastaj jaroj, estis neevitebla, ĉar la nocioj pri respondeco, pri devo, de la individuo ne ekzistas. Ankaŭ tion la anarkiistoj konsciis kaj ili avertis la marksistojn pri tiu fakto antaŭ ol la komunisma sistemo ekinŝtaliĝis. Komprenoble tio okazis post Berthelot, kaj pro tio la anarkia alternativo pli kaj pli aktuala estas la nura kiu postrestas por atingi la celitan relativan harmonion en nia socio.

Resume, anarkio ne estas sistemo, ne estas politiko, ne estas doktrino kun partio. En anarkio ne estas rigidaj tezoj, ne estas dogmoj. Anarkio estas tute simple por la homa specio, la inteligenta, racia aplikado de la naturleĝo, same kiel la aliaj vivantaj specioj vivas instinkte en la naturleĝo. Jes, sendube anarkio estas la restado sub la regado de la ĝangala

leĝo, de la "plejforta", kiel Darvino klarigis. Tio okazas, ĉar la homleĝo neniam kapablis funkcii fronte al la naturleĝo, la pruvo estas ke ĉiutage, ĉiuj ŝtatoj de l' mondo eldonas dekojn, centojn da leĝoj ! Vane. Tamen, rilate al la homo, ekzistas la privilegio, kiu estas la racio, kiu ja kapablas mildigi la akran naturleĝon kaj la konsekvencojn de la cititaj homaj pekoj. La homo, plenumante sian homan devon, povas esti solidara... kio havas nenion komunan kun almozo, kun karitato kaj pliaj hipokritaj sintenoj de la homleĝo. Anarkio estas celo por atingo de memstareco, de memsufiĉeco, de plena sendependeco por ĉiu kaj ĉiuj individuoj en la ĉiutaga aktivado por viveltenado. Eble tiuj diroj aspektas morale kruelaj, bedaŭrinde la homara historio pruvis, ke ne estas alia solvo. Estas ĉio tio kion Berthelot simplege kaj trans la utopio kaj fantazio montras al ni en "La Evangelio de la Horo".

Gilbert Ledon

sano kaj
anarkio al
vin!



<http://anarkio.net>



Existe machismo na esquerda

Ontem, meu sábado foi dedicado à causa feminista. Passei o dia num seminário intitulado “Há machismo na esquerda”. O evento foi articulado pelos coletivos Anastácia Livre, Mulheres do DAR, Revolução Preta e Violeta Parra.

Sim, sou feminista e isso não significa nem de longe que eu odeie homens ou que eu seja lésbica, associações muito comuns que os leigos ou pessoas maldosas costumam referenciar ao conceito. Sou feminista porque eu acredito que o fato de ter nascido com uma boceta no lugar de um pau me colocar em desigualdade histórica com os homens e eu não acho justo e não quero que aconteça com a minha mãe, com as minhas amigas, com minha sobrinha, com uma filha, se acaso eu tiver uma, e tampouco quero que aconteça com qualquer mulher conhecida ou desconhecida. Isso de uma forma bem básica.

Pois bem, em outubro, participei de um evento promovido pela Marcha das Vadias Sampa e me chamou muito a atenção o debate de algumas meninas presentes, que militam em movimentos sociais das mais variadas causas e que reclamavam do machismo sofrido nestes espaços. Isso ia desde ficarem responsáveis pela limpeza e organização dos espaços de encontro, em detrimento da participação nas discussões, até agressões físicas e verbais, quando se opunham ou questionavam decisões. Foi o que me levou ao evento de sábado. Era dedicado ao tema e achei que poderia me aprofundar na questão.

Bom, a primeira constatação foi que todos os presentes, mulheres e homens, assumiram a existência do problema. Acho que é o primeiro passo para combatê-lo, mas o que seguiu daí pra frente foi estarrecedor e me faz questionar muito se eu quero mesmo fazer parte desta esquerda que não é de nada há muito tempo. O que me deixou realmente chocada, foi ouvir de mulheres, não sei de quais movimentos, porque realmente tive medo de perguntar, que os casos de violência dentro dos grupos de esquerda devem ser resolvidos internamente, pois a Lei Maria da Penha serve para “encarcerar nossos militantes pobre e negros”.

Eu estava preparada para ouvir de um tudo, mas nunca achei que dentro de um evento promovido por grupos feministas eu escutaria alguém dizer que a Lei Maria da Penha era um retrocesso e servia de instrumento para promover a política podre de nossa polícia de discriminação. Não, definitivamente eu não

estava preparada para isso. E vamos combinar, agressor não fica preso, ele paga meia dúzia de cestas básicas e volta pra casa pra ensinar a mulher como não denunciá-lo, batendo nela de novo.

Eu acredito sim que eventos violentos como não aceitar que as colegas se pronunciem, gritar, xingar são casos que podem ser resolvidos dentro das orgânicas do movimento, com diálogo, principalmente mostrando ao agressor que o movimento é de todos e que ele está reproduzindo o machismo, que nada mais é do que instrumento de poder da estrutura que eles combatem. Agora, não me venha dizer que casos de espancamentos e abusos devem ser combatidos dentro da estrutura do movimento porque eu não quero participar de movimento com caráter de PCC em que temos um tribunal paralelo.

Eu quero as vítimas sejam ouvidas, o que não vem ocorrendo, e quando houver violência física, seja de qual caráter for, que seja denunciada. Porque foram anos pedindo uma lei que punisse a violência contra a mulher, pra que ela seja colocada de lado sob o argumento de que devemos preservar a causa. Que movimento é este que precisa tanto ter um agressor em sua estrutura a ponto de orientar mulher a não denunciar seus agressores. Um movimento que precisa de um agressor em sua estrutura pra mim não serve. E é isso o que acaba ocorrendo, as mulheres abandonam estes espaços políticos, porque não se sentem seguras, enquanto os agressores continuam seus caminhos, como se nada houvesse ocorrido. Eu quero que os agressores sejam punidos, sejam eles brancos, pretos, ou azuis de bolinhas amarelas.

A segunda coisa que me deixou chocada foi o questionamento sobre a solidariedade à mulher. Bom, quem já teve contato com mulheres que sofreram violência sabem o quanto é difícil elas falarem sobre a violência. Elas sentem vergonha, medo e muitas vezes culpa que é inculcada pelo próprio agressor, como forma de mantê-la calada. Quando uma mulher chega a mim e diz que sofreu uma violência, serei sim solidária a ela, porque é uma mulher diante de você que está em seu limite, pedindo, socorro.

É claro que não apoio a Elisa Matsunaga ter feito picadinho do marido, mas eu tenho certeza, pelo perfil do morto, que a todo momento ele fazia questão de lembrá-la de onde ele havia a tirado, de como ela perderia a filha, que ela não passava de uma prostituta. E neste ponto, desculpa, sou solidária a Elisa, MAS também quero que ela vá para a cadeia porque matou um homem.

A mesma pessoa que apontou a Lei Maria da Penha como instrumento do Estado (conta uma novidade é uma lei), que questionou a solidariedade às vítimas, também condenou os escrachos como forma de apontar os agressores, citando o caso do escracho de um militante do Movimento Passe Livre. Ela, o nome da pessoa é Simone, disse que o escracho ao agressor foi feito num momento em que o Movimento estava com grande visibilidade da imprensa e por isso não deveria ter sido feito. Segundo a própria vítima, o escracho foi o que possibilitou a ela terminar as disciplinas que cursava e por isso, toda solidariedade a ela. O que coloco novamente à dona Simone, que eu gostaria muito que lesse este texto, é porque ela culpa a vítima e não o agressor pelo ocorrido? Quem estava ameaçando a ex-companheira era ele. Por que o movimento não tomou providências se era tão interessante não ter esta exposição negativa na mídia? E escracho por escracho, somos escrachadas todos os dias, quando passam por nós e nos chamam de gostosa, quando

quebram nosso braço em balada porque não quisemos dar trela pro babaca! Vamos novamente culpar a vítima?

Movimentos sociais são construídos por indivíduos engajados que acreditam em determinadas causas. Não há movimento sem a participação destas pessoas. O movimento não se sustenta se estas pessoas não forem vistas como indivíduos, se os problemas relatados dentro da orgânica destes espaços não forem tratados com medidas assertivas e de acordo com sua gravidade. Se é esta esquerda que estão construindo, que precisa tanto de homens violentos para que o coletivo não se enfraqueça, desculpe, eu prefiro ficar em casa! E isso que ocorre quando uma vítima tem apoio negado nestes espaços.

Achei que estivesse pronta para militar em outras causas, que não somente as feministas, porque eu quero mesmo viver num mundo melhor, mas com a esquerda que vi ontem, prefiro me manter somente nos espaços feministas que frequento e que são seguros. Desta esquerda pelega e nauseante eu quero distância!

Solidariedade feminista SEMPRE! - Por Luciana Mendonça, jornalista e feminista <http://freudanus.blogspot.com.br/>





**Só a luta nos trará a
dignidade e liberdade!**

**Sem igualdade econômica, a igualdade
social e política é uma farsa!**



**VELHAS NEGRAS
ANARQUISMO**

Na rede social, nos ajude a divulgar o
anarquismo, prestigie a página, curta e
vá para luta ...

<https://www.facebook.com/asovelhasnegras>

LIBERTE SUA MENTE!

Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

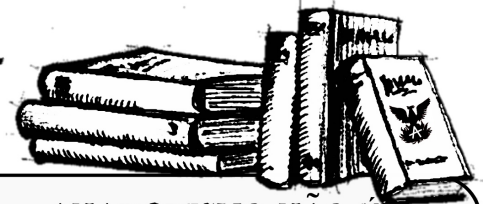
fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net

Lembre-se



Se materiais anarquistas ficarem nas
estantes e nas bibliotecas privadas, isso
dificultará o acesso ao conhecimento.

Já pensou em disponibilizar seus materiais
a outr@s (vizinh@s, parentes, amig@s, a
comunidade, em coletivos)?

De fazer um espaço cultural social/libertário
com outr@s?

Livros anarquistas são mais do que livros,
são BOMBAS de transformação social e não
merecem implodir em estantes privadas.

Difunda o anarquismo, compartilhe suas
idéias e seu conhecimento, não o deixe criar
teias de aranha nas prateleiras!

**ANARQUISMO NÃO É
MERCADORIA!**

Livros são bombas

Livros são armas

Livros são sementes
de emancipação social!

Exploda-as, use-as, regue-as na
construção do anarquismo com
práticas libertárias!

Barricada Libertária -
lobo@riseup.net
Fenikso Nigra
fenikso@riseup.net
<http://anarkio.net>
Movimento Anarquista



((A))

Correspondência p/ ((A)) Info:

**CP: 5005 | CEP:13036-970
Campinas - São Paulo.**

<http://anarkio.net>

ainfo@riseup.net

Ano 01 - Nº 16

Janeiro de 2013

**Contribuições voluntárias serão bem
vindas!**

